# A "PARTILHA DO GORILA" ENTRE CIÊNCIA E LITERATURA DE ALHURES E SABERES LOCAIS<sup>1\*</sup>

Sílvio Marcus de Souza Correa\*

#### RESUMO

O artigo mostra como certos saberes locais sobre o gorila foram apropriados pela ciência e pela literatura desde meados do século XIX. O estudo sobre a circulação dos saberes permite perceber os papeis e a importancia dos africanos na base do conhecimento produzido no campo científico e literario sobre os gorilas.

Palavras-chave: Gorila, Africa, ciência, literatura de viagem

### ABSTRACT

The article shows how some local knowledge about the gorilla were appropriated by science and literature since the mid-nineteenth century . The study of the circulation of knowledge allows us to understand the roles and the importance of Africans at the base of knowledge produced in scientific and literary field on the gorillas.

Keywords: Gorilla, Africa, science, travel literature

<sup>\* (</sup>UFSC) - silvio.correa@pq.cnpq.br

<sup>1 \*</sup>O presente artigo foi realizado durante estágio no exterior na condição de pesquisador visitante junto ao Instituto de Estudos Avançados de Paris. Uma primeira comunicação sobre este tema foi apresentada no XII Congresso Luso--Afro-Brasileiro, realizado em Lisboa, de 1 a 5 de fevereiro de 2015.

Em 1847, o missionário e naturalista Thomas Savage se valeu de saberes locais para publicar um primeiro artigo científico sobre um novo "troglodita". Nos anos seguintes, outros artigos foram publicados em Londres e Paris sobre o maior primata das selvas africanas. Estes primeiros artigos contêm referências indiretas a fontes orais africanas. Além de artigos científicos, relatos de viagem tiveram por tema o gorila e a oralidade africana como uma das fontes de informações. Mas as referências às experiências e aos saberes dos africanos em relação aos gorilas foram logo obliteradas pela ciência e pela literatura.

O trabalho proposto analisa como certos saberes locais sobre o maior primata das selvas africanas foram descartados, enquanto que outros foram enquadrados como subalternos ou marginais à ciência e à literatura ocidentais. Com ênfase na "circulação dos saberes", mais do que contrabalançar a autoria dos ilustres cientistas com a sabedoria popular, busco evidenciar o papel dos informantes africanos no processo de transferência e produção de conhecimento em torno dos gorilas.

Trata-se de um exemplo, entre outros, de como ciência e literatura se valeram de saberes locais sem, contudo, reconhecê-los enquanto um conjunto de conhecimentos, práticas e posturas com validade social nos lugares em que estes foram produzidos. No caso dos gorilas, os saberes locais foram imprescindíveis para localizá-los, persegui-los, capturá-los e transportá-los. Se capturados vivos, ainda filhotes, sua alimentação e sobrevida dependiam dos saberes locais.

Com as primeiras missões e empórios no estuário do Gabão, missionários e comerciantes europeus ou norte-americanos recolheram informações sobre um macaco maior que o chimpanzé por intermédio dos nativos. Os saberes locais foram também importantes para informar sobre o comportamento social dos gorilas, sua distribuição espacial, sua alimentação, sua ecologia, etc.

Em meados do século XIX, a descoberta científica do gorila teve um grande impacto na comunidade acadêmica. Apesar do conhecimento ainda muito parcial que se tinha sobre os gorilas, a imprensa europeia e norte-americana não perdeu a ocasião para divulgar uma série de matérias sobre a sensacional descoberta. Em alguns periódicos, o gorila era representado como um "homem-macaco"; inclusive, a legenda (*the newly-discovered man-monkeys*) da ilustração de um semanário nova-iorquino não deixava dúvidas sobre isso.² Em outras matérias, destacava-se a semelhança do homem com os grandes símios. Para ficar num exemplo, um semanário ilustrado de Lisboa publicou a seguinte nota sob o título "Gorilles, orangos e chimpanzés":

O macaco (simius) forma a primeira familia dos mammíferos, da ordem dos quadrumanos: n'esta familia comtudo ha innumeras variedades, provindas da America e da Africa, sendo a que os naturalistas denominam anthropomorpha, a que parece comprehender animaes que se assimilham mais ao homem nas formas exteriores e na intelligencia.

Gorilles, orangos e chimpazés são as especies, n'este sentido, mais afamadas, e até já houve quem se atrevesse a achar-lhes tanta affinidade com o homem, que apenas faltava marcar o gráo de parentesco!

Viajantes credulos, pouco instruidos ou quiçá menos sinceros, tem também concorrido para divulgar a erronea opinião de que os macacos representam uma raça degenerada de homens. Fundaram-se esses posto que não seja natural d'este paiz; os exemplares que apresentamos são na realidade os mais perfeitos, e a gravura está bastante clara para nos poupar a uma descripção, de que não proviria proveito algum.<sup>3</sup>

A busca por gorilas não cessou de aumentar depois de sua descoberta, tanto em função de uma demanda do meio científico quanto da população metropolitana já acostumada com a exibição

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Harper's Weeky, Nova York, Harper & Brothers, 12 November 1859.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Archivo Pittoresco. Semanário Illustrado. Lisboa, 02.09.1858, p.101.

de animais selvagens nos grandes centros urbanos da Europa. Se não havia consenso sobre o parentesco entre os primatas, a descoberta do gorila fomentou polêmicas e especulações que se inscrevem na produção de saberes que viriam a servir de suporte ideológico ao empreendimento colonial à época da "Partilha da África" e também ao longo da primeira metade do século XX.

## A intrigante semelhança

A semelhança entre o homem e o macaco intrigou Aristóteles. Também Plinio, o Velho, tratou dela em sua História Natural. Na Antiguidade, sátiros e trogloditas foram associados a figuras bizarras, meio homem, meio macaco. Durante a Idade Média, tal semelhança foi considerada suspeita e monos foram representados como animais diabólicos. Com a expansão ultramarina, aumenta o número de animais exóticos que chegam aos portos da Europa. Entre eles, os macacos e os psitacídeos predominam como mascotes nas cortes europeias. O costume de ter animais exóticos como mascotes se aburguesou em algumas cidades europeias dos séculos XVII e XVIII. A propósito, vários quadros em estilo maneirista e barroco têm monos, papagaios e araras como animais domésticos. Se os macacos agradavam nobres e burgueses, eles também eram objeto do interesse científico dos naturalistas. A rainha da Suécia chegou mesmo a doar o seu macaco ao naturalista Carl Lineu. Escusado é lembrar que o naturalista sueco inseriu o homem na ordem dos primatas; aliás, uma nomenclatura criada pelo próprio Lineu em 1758.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> BARATAY, Éric; HARDOUIN-FUGIER, Élisabeth. Zoos. Histoire des jardins zoologiques en occident (XVIe-XXe siècles) Paris: Éditions la découverte, 1998, p.40. Escusado lembrar que a categoria dos primatas advém da classificação lineana. Se na primeira edição do Systema Naturæ (1735), o homem e alguns símios foram classificados sob a categoria "antropomorfa", em edições posteriores, o naturalista sueco adotou a categoria primata, insistindo na semelhança anatômica.

Os estudos osteológicos, anatômicos e morfológicos sobre os macacos permitiram sistematizar um conhecimento científico sobre a semelhança entre humanos e os grandes símios, notadamente orangotangos e chimpanzés. Em 1699, Edward Tyson já havia escrito um livro sobre o Orangotango, chamado então de *Homo sylvestris*. Em seu livro, juntamente com uma síntese sobre o assunto, desde alguns textos de Aristóteles, Plínio e outros pensadores da Antiguidade que trataram de macacos, sátiros e trogloditas até relatos de viagem dos séculos XVI e XVII, o médico inglês apresentou seus resultados sobre a morfologia e a anatomia de grandes macacos que ele pôde observar em Londres.

Na Escócia, a ideia de raças era esboçada na tese poligenista de Henry Home em *Sketches on the History of Man* (1734). Por seu turno, James Burnett, autor de *On the Origin and Progress of Language*, empreendeu estudos de anatomia comparada entre homem e os grandes símios a fim de entender a evolução da linguagem. Em Paris, naturalistas como Buffon e Daubenton escreveram também sobre os grandes símios em seus compêndios de história natural. Em 1775, no tratado *De Generis Humani Varietate Nativa*, Johann Friedrich Blumenbach defendeu a ideia de raça e, assim como Buffon, sustentou a tese da degeneração racial para explicar certas diferenças entre grupos humanos em diferentes continentes. Com os estudos de craniometria, a ideia de raças degeneradas assume um lugar importante no campo disciplinar da antropologia física e, desde então, acentua-se a tendência a comparar anatomicamente as "raças humanas mais degeneradas" com os macacos.

No final do século XVIII, tanto na Grã-Bretanha quanto na França, a comparação entre negros e macacos era corrente na comunidade científica. Em sua obra *An Account of the Regular Gradations in Man and in Different Animals and Vegetables* (1799), Charles White afirmou que "o Africano, notadamente pelos seus traços que lhe fazem diferente do Europeu, é próximo do macaco". Também Sir William

Lawrence afirmou algo semelhante em *Lectures on Physiology, Zoology and the Natural History of Man* (1819). O então já famoso anatomista francês Georges Cuvier fez suas próprias comparações entre homens e macacos. Para os humanos, Cuvier estabeleceu três raças. Também o poligenista inglês Charles Hamilton Smith estabeleceu três raças (caucasiana, mongólica e negra) para a espécie humana em sua obra *The Natural History of the Human Species* (1848).

Monogenistas e poligenistas polemizavam com base em estudos de anatomia comparada e também a partir de novos indícios paleontológicos sobre a antiguidade e a diversidade da espécie humana. Porém, as especulações modernas se diferem daquelas dos tempos de Aristóteles e Plínio, o velho. Na Antiguidade, a comparação era entre o homem e o macaco. No pensamento moderno ela se racializa e se torna cada vez mais uma comparação entre o negro e o macaco.<sup>5</sup>

À época dos estudos de anatomia comparada de Charles White e George Cuvier, os grandes macacos eram gibões, orangotangos e chimpanzés. O gorila era ainda desconhecido nas academias europeias. A primatologia alargaria suas fronteiras com as expedições científicas mundo afora, principalmente pela América do Sul, África e Ásia. Em relação aos macacos cujo habitat natural era a África equatorial, muitos foram classificados a partir da segunda metade do século XIX; inclusive, o maior primata de todos.

Em 1845, se os naturalistas europeus e norte-americanos ignoravam a ocorrência de uma espécie antropoide maior que os chimpanzés e os orangotangos nas florestas da África equatorial, muitos grupos humanos conheciam o enorme animal que logo seria denominado como "troglodita gorila". Para estes grupos humanos, notadamente aqueles silvícolas do Gabão, a semelhança entre os

Na dissecação do corpo de Sarah Baartman, G. Cuvier comparou as características sexuais da "Vênus Hotentote" com as de fêmeas de babuínos. Afirmou ainda Cuvier nunca ter visto uma face tão semelhante a de um macaco que a de Sarah Baartman. Cf. Mémoires du Muséum d'histoire naturelle, Volume 3, Paris, 1817, p. 259-274.

gorilas e eles se explicava por um parentesco que se inscrevia numa ordem mítica, religiosa e ecológica que definia a relação entre os seres vivos. Esses saberes locais serão tratados mais adiante.

### A descoberta do gorila no meio científico

Desde o final do século XVIII, vários naturalistas estavam engajados no programa de completar o inventário zoológico e botânico com base no sistema classificatório de Carl Lineu. No campo da botânica e da zoologia, a África se tornou alvo dos naturalistas linneanos como Anders Sparrman e William Paterson. Novas espécies e subespécies ampliavam o conhecimento zoológico e botânico, mas poucas delas tinham um impacto fora da comunidade científica. A descoberta de fósseis também causavam sensação, sobretudo aqueles relacionados à megafauna.

As comparações entre homens e macacos se inscrevem neste contexto de descobertas tanto de fósseis quanto de animais e plantas ainda desconhecidos do meio científico. No século XIX, houve um importante avanço no que diz respeito à idade geológica do planeta, bem como a diversidade de espécies de animais e plantas, etc. Tal acúmulo de conhecimento no campo da geologia, paleontologia e arqueologia não se fez sem evidenciar algumas anomalias da teoria em voga sobre a gênese humana e a sua relação com a história natural.<sup>7</sup> A descoberta de fósseis humanos juntamente com aqueles de uma fauna extinta suscitava uma série de questionamentos sobre a origem das espécies, inclusive a humana. Em termos de anatomia

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> PATTERSON, William. Voyages in the land of the Hottentots and the Kaffirs, London, 1789; SPARRMAN, Anders E. A Voyage to the Cape of Good Hope, Towards the Antarctic Polar Circle and Round the World, London, 1775.

Para a importância de Cuvier para a constituição do campo disciplinar da paleontologia: FARIA, Felipe. Georges Cuvier: do estudo dos fósseis à paleontologia. São Paulo: Editora 34, 2012.

comparada, os novos estudos sobre a relação entre o homem e os grandes macacos obrigavam alguns cientistas a rever suas teorias.

A teoria de Cuvier, por exemplo, já tinha seus oponentes dentro e fora da França pós-napoleônica. A origem da espécie humana e sua diversidade eram cada vez mais explicadas por teorias racialistas. Figuras híbridas, meio homem e meio macaco, faziam parte do imaginário ocidental e não se descartava a hipótese de encontrá-las no interior da África.

Em meados do século XIX, às vésperas de uma crise paradigmática no meio científico e da emergência de um novo paradigma (o darwinismo), fez-se a descoberta do maior primata nas florestas do Gabão. Primeiramente, missionários norte-americanos foram informados pelos nativos a respeito de um grande macaco. Crânios e ossos foram coletados e enviados aos Estados Unidos. Em 1847, um artigo de autoria do missionário e médico Thomas S. Savage e do anatomista Jeffries Wyman, publicado na *Boston Journal of Natural History*, apresentava um primeiro estudo osteológico do crânio, fêmur, tíbia, pélvis e demais ossos de uma nova espécie de primata. Tratava-se de um animal distinto do chimpanzé (*Pan troglodytes*). Foi chamado de gorila (*Troglodytes gorilla*) em alusão a uma primeira referência ao suposto animal.<sup>8</sup>

Em 1849, um esqueleto de gorila chegou ao Museu de História Natural de Paris. Outros se somariam à coleção parisiense nos anos seguintes. Em 1852, Dr. Ford, um outro missionário americano que esteve no Gabão escreveu sobre o gorila e conferiu palestra na Academia de Ciências da Filadélfia.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Trata-se do relato do cartaginês Hannon. Para o seu estudo, Savage e Wyman se valeram ainda de fontes orais e também da literatura viática sobre a África dos séculos XVI e XVII. Para ficar em dois exemplos: no relato do inglês Andrew Battel e na compilação do holandês Olfer Dapper, tem-se a referência a figuras antropomórficas de sátiros ou trogloditas.

<sup>9</sup> READE, William W. Savage Africa. New York: Harper & Brothers, 1864, p.179.

Entre 1853 e 1861, uma série de estudos de anatomia comparada foi publicada nos anais do museu de história natural de Paris; inclusive, uma nova denominação (*Gorilla gina*) foi dada pelo zoólogo francês Isidore Geoffroy Saint-Hilaire. <sup>10</sup> Se a denominação "gorila" remetia àquela já empregada por Savage e Wyman, o termo "gina" era uma corruptela de uma denominação africana ao maior de todos os macacos.

No mesmo período, esqueletos de gorilas chegaram também ao Museu Britânico em Londres, onde Richard Owen aprofundava seus estudos de anatomia comparada entre o homem e os grandes símios. Maior autoridade sobre os primatas, o professor Owen obteve também ossos e gorilas empalhados do caçador Paul Belloni du Chaillu que, por sua vez, explorou o interior do Gabão, entre os anos de 1853-1859 e 1863 -1866.

Ao mesmo tempo que os naturalistas compartilhavam suas dúvidas e suas descobertas em correspondências e publicações científicas, uma tendência racialista se moldava para a interpretação do parentesco dos primatas. Na França, *Essai sur l'inégalité des races humaines*, do conde Gobineau, foi publicado em 1853. Nos Estados Unidos, *Indigenous Races of the Earth*, de Josiah Clark Nott e George Robins Gliddon, veio a lume em 1857. Ambas as obras afastavam a "raça caucasiana" e aproximavam a "raça negroide" dos macacos.

A captura de um gorila vivo se tornava mais imperativa aos estudos científicos uma vez que as especulações sobre o seu comportamento, suas formas de comunicação e sua semelhança com os humanos contribuíam para ampliar o imaginário ocidental tanto em relação as hipóteses do que poderia ter sido o homem pré-histórico como do que poderia ser um elo perdido da evolução humana.

GAUTIER, Jean-Pierre. "À la recherche des gorilles", HOMBERT, Jean-Marie et PERROIS, Louis (sous la dir.). Coeur d'Afrique: Gorilles, cannibales et Pygmées dans le Gabon de Paul Du Chaillu, Paris: CNRS Éditions, 2005, p.67.

### Em busca de um gorila vivo

Quando a marinha britânica iniciou a repressão ao tráfico no Atlântico, ainda eram poucas as viagens de exploração pelo interior da África equatorial. O número delas aumentou significativamente na segunda metade do século XIX. Cresceu também o número de exploradores com pretensões de naturalistas. Paul Belloni du Chaillu foi um desses exploradores que caçou, empalhou e enviou milhares de animais selvagens para coleções públicas e privadas da Europa e dos Estados Unidos.

Desde a sua primeira viagem ao Gabão, a caça e a preparação de animais selvagens para coleções particulares faziam parte de seus propósitos. A sua segunda viagem foi, inclusive, financiada parcialmente pela Sociedade de Geografia de Boston. Apesar de sua sensacional descoberta, desde a publicação de seu primeiro livro *Exploration and Adventures in Equatorial Africa* (1861), houve dúvidas no meio científico em relação à veracidade de suas observações sobre o comportamento do gorila, etc.

O escocês William Winwood Reade foi um aspirante a caçador de gorilas. Em *Savage Africa* (1864), William W. Reade tratou Paul B. du Chaillu como um embusteiro. <sup>11</sup> Richard Francis Burton foi outro crítico do explorador Paul B. du Chaillu. Em seu livro *Two Trips in Gorilla Land* (1876), Burton discorda de algumas de suas observações e assertivas. Mas tanto W. W. Reade quanto R. F. Burton fracassaram em suas tentativas de caçar gorilas nas selvas africanas.

Reade era um escritor escocês e que esteve na África equatorial a fim de averiguar as observações de Paul B. du Chaillu. Cf. MANDELSTAM, Joel. "Du Chaillu's Stuffed Gorillas and the Savants from the British Museum" Notes and Records of the Royal Society of London, Vol. 48, No. 2,1994, pp. 227-245; HARGREAVES, J.D. "Winwood Reade and the Discovery of Africa." African Affairs 56.225, 1957, p. 306-316.

A maior proeza de Paul B. du Chaillu foi ter sido o primeiro "branco" a caçar gorilas nas florestas da África equatorial. <sup>12</sup> Mas nem ele, assim como W.W. Reade e R.F. Burton, conseguiu levar para a Europa ou para os EUA um gorila vivo. Os filhotes que foram capturados por Paul B. du Chaillu, morreram dias depois.

Enquanto não chegavam gorilas vivos aos portos europeus ou norte-americanos, a comunidade científica buscava um consenso sobre a semelhança entre o homem, o chimpanzé, o orangotango e o gorila. Com pretensões de ser reconhecido como naturalista e antropólogo, Paul B. du Chaillu esboçou suas hipóteses sobre as semelhanças entre chimpanzés, gorilas e humanos em seu livro *Exploration and Adventures in Equatorial Africa*. Richard F. Burton também dedica algumas páginas de seu livro *Two Trips in Gorilla Land* sobre as semelhanças entre gorilas e homens.

Provavelmente, as publicações científicas não tinham o mesmo impacto nos leitores leigos e na população metropolitana de Londres ou Paris do que os livros de aventuras na África. A literatura de aventuras se valeu da sensacional descoberta do gorila. As polêmicas em torno do maior primata já encontrado ganharam também as páginas dos principais jornais metropolitanos. <sup>14</sup> Cabe lembrar o

Sobre o explorador Paul B. du Chaillu ver: PATTERSON, K. David. "Paul B. Du Chaillu and the Exploration of Gabon, 1855-1865" The International Journal of African Historical Studies, Vol. 7, No. 4 Boston University African Studies Center, 1974, pp. 647-667. Sobre as várias facetas (caçador, naturalista e escritor) de Paul du Chaillu, ver também HOMBERT, Jean-Marie et PERROIS, Louis (sous la dir.). Coeur d'Afrique: Gorilles, cannibales et Pygmées dans le Gabon de Paul Du Chaillu, Paris: CNRS Éditions, 2005.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> McCOOK, Stuart "It May Be Truth, but It Is Not Evidence": Paul du Chaillu and the Legitimation of Evidence in the Field Sciences. Osiris, 2nd Series, Vol. 11, Science in the Field, 1996, p.177.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Um exemplo foi a polêmica em torno da veracidade das informações de Chaillu sobre os gorilas e na qual tomaram partido Richard Owen, do Museu Britânico de Londres, e John Cassin, da Academia da Ciências Naturais da Filadélfia.

importante papel da imprensa para a divulgação de certas descobertas científicas nas sociedades industriais.

Duas décadas depois da descoberta científica do gorila, o darwinismo já tinha ganhado importantes adeptos na academia e fora dela. A tese de um ancestral comum ao homem e aos grandes símios redefinia o parentesco com o gorila. Em jornais e revistas das principais metrópoles, várias matérias informativas, outras de conteúdo mais crítico e mesmo contra à teoria de Darwin eram publicadas. Até um poema satírico, intitulado *Monkeyana*, com menção aos nomes de Charles Darwin, Richard Owen, Thomas Huxley e Paul B. du Chaillu, foi publicado na revista londrina *Punch*. <sup>15</sup> Na mesma edição, tem-se a caricatura de um gorila que se pergunta quem é ele afinal. A pergunta é uma paródia à frase abolicionista (*Am I a man and a brother?*). A teoria darwinista sobre a origem do homem seria motivo para várias caricaturas e notas satíricas nas páginas de semanários ilustrados europeus na segunda metade do século XIX. <sup>16</sup>

No Brasil, houve também uma tentativa de divulgar a ciência por meio de um jornal: *O Vulgarizador*: jornal dos conhecimentos úteis (1877–1880). Neste periódico foram publicados cinco artigos intitulados "O darwinismo: cartas a uma senhora", entre 1877 a 1878, e de autoria de João Zeferino Rangel de S. Paio.<sup>17</sup> Porém, desde 1875, o darwinismo já era tema de conferências que visavam divulgar o conhecimento científico na capital do Brasil. Tais conferências já eram polêmicas e tinham repercussão em jornais cariocas como o *Jornal do Commercio, O Globo, O Apostolo* 

<sup>15</sup> PUNCH. London, 18 de maio de 1861.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Ver por exemplo, a matéria "Vives les gorilles" no semanário L'Éclipse. Paris, 08.12.1872, p.2.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> VERGARA, Moema. "Cartas a uma senhora": questões de gênero e a divulgação do darwinismo no Brasil. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, 15(2):, maio-agosto/2007. p.385.

### e o Diário do Rio de Janeiro. 18

Quase 30 anos depois da descoberta do gorila, não havia consenso entre os paleontólogos, zoólogos e antropólogos sobre a origem do homem e tampouco sobre o seu parentesco com os demais primatas. Mas a ideia de descender de um macaco e a de que o homem primitivo poderia ser negro desagradavam muitos das academias de letras e ciências. Em Londres, Berlim e Paris, alguns cientistas como Richard Owen, Rudolf Virchow e Louis Armand Quatrefages se mantinham reticentes ao darwinismo. A opinião deste último chegou a ser solicitada pelo imperador do Brasil. Para D. Pedro II era difícil admitir a explicação darwinista para a origem da espécie humana. <sup>19</sup> Anos depois, em seu exílio, o ex-imperador do Brasil informou ainda ao seu amigo que ele continuava a crer que "o primeiro homem não foi nem descendente do macaco, nem tampouco negro." <sup>20</sup>

## Em busca do elo perdido

No início do século XIX, os "hotentotes" eram considerados um elo perdido. A ideia de raças degeneradas predominava na academia e mesmo fora dela. Os "ethno-shows" de Barnum e Hagenbeck derivam, em parte, desse interesse popular e científico pela alteridade "animalesca" típica da invenção do Outro na Europa oitocentista.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> CARULA, Karoline. O darwinismo nas Conferências Populares da Glória. Rev. Bras. Hist. vol.28, n.56, 2008, pp. 349-370. Ver também DOMINGUES, Heloísa M. B. et al. A recepção do Darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Carta de D. Pedro II a J. L. A. Quatrefages, Rio de Janeiro, 06.02.1886 (AAs/Paris).

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Carta de D. Pedro II a J. L. A. Quatrefages, Cannes, 17.04.1891 (AAs/Paris).

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> BLANCHARD BOETSCH La Vénus hottentote ou la naissance d'un "phénomène", in: BLANCHARD, Pascal et al. Zoos humains et exhibitions coloniales. 150 ans d'inventions de l'Autre. Paris: La Découverte, 2011, p.95.

Poucos anos depois da publicação do primeiro artigo científico sobre o gorila, um jornal londrino noticiava uma atração sensacional no museu do Dr. Kahn.<sup>22</sup> Tratava-se da exibição de "homens de cauda" da África central.<sup>23</sup> Tais especulações sobre a existência de "homens de cauda" eram compartilhadas por outros como Louis du Couret e Francis de Castelnau.<sup>24</sup> Em meados do século XIX, instituições francesas, como a *Académie des sciences* e a *Société de géographie* de Paris, trataram o assunto com toda seriedade.

Se a credulidade de alguns cientistas poderia dar margem para tais especulações, pode-se imaginar o impacto da descoberta do gorila numa época em que homens assumiam formas simiescas tanto quanto alguns primatas eram representados com formas humanas, sobretudo na literatura e nas artes gráficas. O evolucionismo de Darwin, Wallace e outros também contribuiria para uma ressignificação das semelhanças entre homens e macacos a partir da segunda metade do século XIX.

Em 1863 foi publicado em Londres o livro *Evidence as to Man's Place in Nature*, do naturalista britânico Thomas Huxley. No mesmo ano, o naturalista alemão Carl Vogt publicou suas lições sobre o homem e sua posição na criação e na história natural.<sup>25</sup> Ambas as obras foram escritas sob o paradigma evolucionista. Ainda em 1863

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> LINDFORS, Bernth. Le docteur Kahn et les Niam-Niams, in: BLANCHARD, Pascal et al. Zoos humains et exhibitions coloniales. 150 ans d'inventions de l'Autre. Paris: La Découverte, 2011, p.174-175.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> Referências aos "homens de cauda" têm-se desde Ptolomeu. Marco Polo também se refere a essas criaturas. No século XVIII, há figuras disso em obras de Carl Lineu e também de Johann F. Blumenbach.

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> COURET, Louis. Voyage au pays des Niam-Niams. Paris: Martinon, 1854. CAS-TELNEAU, Francis L. Renseignements sur l'Afrique centrale et sur une nation d'hommes à queue qui s'y trouverait, d'après le rapport des nègres du Soudan, esclaves à Bahia. Paris: P. Bertand, 1851.

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> VOGT, Carl. Vorlesungen über den Menschen, seine Stellung in der Schöpfung und in der Geschichte der Erde, . Giessen, J. Ricker'sche Buchnhandlung, 1863.

foi publicado o livro *Geological Evidences of the Antiquity of Man*, de Charles Lyell, no qual o autor defendia a existência do homem desde tempos pré-históricos.

Nas décadas de 1860 e 70, várias publicações (científicas ou não) aventaram sobre um elo perdido na evolução humana e também sobre a eventual existência de antropoides ainda desconhecidos da ciência. Paul B du Chaillu mencionou alguns como o *Kulu-Kamba*. Winwood Reade (1861) e Richard F. Burton (1876) também fizeram referências ao *Kulu-Kamba*. Burton, no entanto, considerava improvável a existência de um macaco maior do que o gorila. Já o taxidermista e comerciante Édouard Verreaux acreditava que as florestas do Gabão poderiam esconder mais surpresas, inclusive outras espécies de gorilas. <sup>26</sup>

O que fomentou ainda mais a busca pelo elo perdido da evolução humana no interior da África foi o fato de se encontrar na mesma região equatorial gorilas, chimpanzés e os então denominados "pigmeus". Durante suas expedições pelo interior da África, tanto Paul B. du Chaillu quanto Georg Schweinfurth encontraram, por exemplo, gorilas, chimpanzés e "pigmeus" em áreas vizinhas. Por sua vez, Schweinfurth escreveu que a boca dos "pigmeus" quase não tem lábios e parece com a dos macacos quando fechada.<sup>27</sup> Paul B. du Chaillu chegou a escrever um livro sobre o país dos "pigmeus", intitulado *The country of the dwarfs* e publicado em 1872.

Ainda sobre os "pigmeus", dois estudos foram publicados em 1874. Dois "pigmeus" capturados e levados para o Cairo e, depois, para Nápoles foram a base dos artigos de autoria de Richard Owen e Louis Armand Quatrefages. Se o primeiro pôde observar os dois "pigmeus"

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> Correspondência de Édouard Verreaux ao Dr. Bocage, Paris, 22.01.1866 (AMNHN/Lisboa)

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> QUATREFAGES, L. A. "Observations sur les races naines africaines, à propos des Akkas", Bulletins de la Société d'anthropologie de Paris, 1874, p.501.

no Cairo, Quatrefages escreveu com base em fotografias que lhe foram enviadas da Itália. Este último foi categórico ao afirmar que os "Akkas não são absolutamente o elo intermediário entre o homem e o macaco como alguns transformistas esperam ainda descobrir." Quatrefages foi um dos primeiros a fazer a distinção entre os "pigmeus" encontrados por Georg Schweinfurth e aqueles por Paul B. du Chaillu.

Para a antropologia do final do século XIX, a comparação entre "hotentotes", "pigmeus", gorilas e chimpanzés foi uma prática comum dos estudos de anatomia comparada. Mas alguns estudos extrapolavam a comparação anatômica, estabelecendo comparações em termos de comportamento. O darwinista Carl Vogt comparou africanos com gorilas e chimpanzés ao tratar da microcefalia. Para o naturalista alemão radicado em Genebra, os microcéfalos teriam características anatômicas, comportamentos e posturas quase idênticas às dos macacos. <sup>29</sup> Se a involução era tratada em ensaios sobre a microcefalia, outras hipóteses semelhantes eram formuladas em relação aos "pigmeus" e aos grandes símios no que concerne às semelhanças anatômicas, etc.

Para Schweinfurth, a linguagem dos "pigmeus" era primitiva. Restava saber se os gorilas possuíam ou não uma linguagem. Afinal, a linguagem era considerada uma ponte entre natureza e cultura. Mesmo que não houvesse consenso na comunidade científica, os "zoos humanos" não hesitavam em exibir "bosquímanos" e "pigmeus" como elos da evolução humana. No início do século XX, um "pigmeu" chegou mesmo a ser exibido compartilhando uma jaula com macacos no jardim zoológico de Nova Iorque.<sup>30</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> Idem, p. 505.

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> ROQUE, Maria Helena Neves. A contribuição de Miguel Bombarda para derruir as Mémoires de Carl Vogt, in: PEREIRA, Ana L. e PITA, João Rui (org.) Miguel Bombarda e as singularidades de uma época. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p.167.

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> BRADFORD, Phillips V. and Harvey Blume. Ota Benga - The Pygmy in the Zoo. New York, 1992.

### Literatura e saberes locais

Paul Belloni du Chaillu foi o primeiro "branco" a caçar gorilas. Durante a sua juventude em Paris, ele aprendeu a técnica de taxidermia com Jules Verreux. Além de gorilas, Paul B. du Chaillu empalhou centenas de outros mamíferos e milhares de aves. Como ele mesmo afirmou no prefácio do seu primeiro livro:

"Eu matei, empalhei e enviei mais de 2.000 pássaros, dos quais mais de 60 espécies novas e eu abati mais de 1.000 quadrúpedes, dos quais empalhei e enviei 200, com mais de 80 esqueletos. Entre estes quadrúpedes, há mais de 20 espécies até então desconhecidas da ciência."

Mas seria como caçador de gorilas e como autor de livros de aventuras pelo interior da África que ele se tornaria famoso. Além do seu relato de viagem intitulado *Exploration and Adventures in Equatorial Africa* (1861), as suas histórias de caça ao gorila foram publicadas em alguns de seus livros para um público leitor juvenil. Para ficar em dois exemplos: *Stories of the Gorilla Country* (1868) e *Lost in the Jungle* (1869).

Os caçadores forasteiros contavam, geralmente, com a participação de caçadores nativos. Essa parceria foi crucial durante as expedições em busca de gorilas de Paul B. de Chaillu, Winwood Reade e Richard Francis Burton, para ficar em três exemplos. No entanto, a importância dos caçadores nativos foi matizada no plano literário. Em *Stories of the Gorilla Country*, de Paul B. de Chaillu, os caçadores nativos desempenham um papel de coadjuvantes em relação ao protagonismo do caçador forasteiro. Já no livro *The Gorilla Hunters* (1861), de Robert Michael Ballantyne, o caçado nativo Makarooroo compartilha do protagonismo da aventura cinegética com os caçadores forasteiros.

Dos primeiros caçadores forasteiros, o relato de Paul B. du Chaillu permite inferir as diversas atividades dos caçadores nativos como, por exemplo, identificar e reconhecer os vestígios dos gorilas, localizá-los, calcular o risco da aproximação, abatê-los ou capturá-los vivos. Os caçadores nativos foram igualmente importantes como informantes sobre o comportamento dos gorilas, etc.

Além dos testemunhos de caçadores e guias, Paul B. du Chaillu se valeu da oralidade feminina para construir o gorila enquanto personagem literária de suas aventuras. Segundo ele, as mulheres têm muito medo do gorila por causa das histórias de rapto que circulam entre os nativos.<sup>31</sup> Ele não se furta de contar uma dessas histórias para informar que os nativos acreditam que se trata de um gorila habitado por um espírito. Trata-se, segundo eles, de espíritos de negros mortos e que os gorilas desse tipo são mais sagazes do que os demais. Nesses animais "possuídos", a inteligência humana estaria reunida ao vigor e à feracidade do animal. A ideia de gorilas "possuídos" por espíritos humanos pode ter sido interpretada diferentemente pelo missionário Dr. Savage, que afirmou em seu artigo na *Boston Journal of Natural History* (1847) que os nativos consideram os "orangos" como humanos degenerados.

Provavelmente, os informantes do Dr. Savage não empregaram em língua pongwé um adjetivo correspondente ao termo em inglês *degenerated*. Pode ter sido um problema de tradução. Porém, teorias sobre a degeneração de espécies animais ou de raças humanas eram elaboradas desde a segunda metade do século XVIII. Foi o próprio naturalista e missionário que, imbuído da ideia de degeneração, interpretou a informação dos nativos enquadrando gorilas e chimpanzés ao esquema de "humanos degenerados".

<sup>31</sup> CHAILLU, Pau B. Voyage Explorations and Adventures in Equatorial Africa. J. Murray, London, 1861, p.133.

Se o naturalista e missionário descartou a pista dos nativos sobre o parentesco entre gorilas e humanos, o caçador e escritor Paul B. De Chaillu soube explorar a oralidade africana para as suas caçadas e também para fazer literatura de viagem. Embora cético ao que ele considerou "superstição de negros", Chaillu deu vazão à crença dos nativos de que os gorilas eram capazes de fazer emboscadas, de capturar e estrangular homens incautos.<sup>32</sup> Se não era possível comprovar cientificamente tais crenças, elas serviam, ao menos, de recurso literário.

Além do seu relato de viagem, Paul B. du Chaillu publicou uma série de livros para um público infanto-juvenil em que estórias de caçadas foram temas principais. Muitas delas tiveram como fonte os caçadores nativos da África equatorial.

Em Stories of the Gorilla Country, o autor faz uma breve descrição dos caçadores nativos. Um deles, Etia, era um velho escravo, um experiente caçador. Por ser o responsável pelo abastecimento de caça (bush meat) ao régulo local, Etia costumava caçar toda semana. Para o caçador forasteiro, o velho escravo serviu de guia e caçou gorilas. O caçador forasteiro descreveu a casa do seu guia, onde havia ao redor ossos de elefantes, hipopótamos, leopardos e gorilas como troféus de sua proeza. Além deste caçador nativo, Paul B. du Chaillu mencionou ainda um caçador Ashira, chamado Gambo. Dos caçadores nativos, algumas estórias sobre gorilas foram relatadas pelo caçador forasteiro. Uma delas (que se passou com o pai de um deles) acusa o uso de uma lança pelo caçador. Mas a lança já havia deixado de ser a arma entre os nativos que acompanhavam o caçador forasteiro. Estes usavam fuzis. Outra história foi relatada por Gambo e tratou de um homem que se transformou em gorila. O tema dessa história fantástica se repetiu em relatos contidos nos livros de William Winwood Reade e Richard Francis Burton. Este último, aliás, pretendeu sem sucesso enviar um gorila vivo para Londres.

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> Idem, p.136.

Algumas décadas depois da descoberta científica do gorila, as caçadas empreitadas por forasteiros e nativos já tinham se intensificado em função da crescente demanda de instituições como museus de história natural e jardins zoológicos, mas também de particulares. Todo esse comércio de gorilas (vivos ou mortos) dependeu dos saberes locais para localizar o animal, persegui-lo, caçá-lo e capturá-lo, transportá-lo, etc.

Se os jardins zoológicos de Londres e Paris já contavam com gorilas desde o último quartel do século XIX, outros zoos metropolitanos buscavam ainda ter o seu. Em Lisboa, o Museu de História Natural recebeu as primeiras partes de gorilas em 1865. Os dois crânios (de um macho e uma fêmea) foram enviados de Angola pelo naturalista José de Anchieta.<sup>33</sup>Além de seus próprios fornecedores nas colônias, os museus metropolitanos eram "clientes" de casas de taxidermia e de comércio de animais. Listas de animais de Carl Hagenbeck (Hamburgo), de Rowland Ward (Londres), de P. Siepi (Marselha) e dos irmãos Verreaux (Paris) se encontram, por exemplo, entre a documentação do Dr. Barbosa du Bocage, diretor do Museu Nacional de História Natural em Lisboa.<sup>34</sup> Entre essas listas, há uma oferta de Émile Devrolle de dois esqueletos: um de gorila (Gorilla gina), com a observação de que era um très bel exemplaire, e outro de um chimpanzé (Troglodytes niger). Uma observação do proponente informava que ambas as espécies já eram raras e seriam logo extintas.35

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> BARBOSA DU BOCAGE, J. V. "Mammifères D'Angola et du Congo", in Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes. Lisboa, Typografia da Academia, 1890, p.9.

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> Sobre Barbosa du Bocage, ver MADRUGA, Catarina. José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907). A construção de uma persona científica. (Dissertação de Mestrado em História e Filosofia das Ciências), Universidade de Lisboa, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> Carta de Émile Deyrolle ao Dr. Bocage, Paris, 10.12.1891. (AMNHN/Lisboa)

Cabe lembrar que o circo Barnum & Bailey exibia, entre 1897 e 1902, dezenas de animais exóticos. Entre eles, havia rinocerontes, hipopótamos, girafas e gorilas, animais que faltavam em muitos jardins zoológicos da Europa.<sup>36</sup>

Aliás, o comércio de animais selvagens foi muito lucrativo para alguns empresários do ramo como o alemão Carl Hagenbeck. Entre 1866 e 1886, o seu negócio envolveu em torno de mil ursos, mil leões, 700 leopardos, 400 tigres, 800 hienas, 300 elefantes, 70 rinocerontes asiáticos e 9 africanos, 300 camelos, 150 girafas, 600 antílopes, milhares de macacos, de crocodilos e cobras e mais de 100 mil aves. A perda entre animais embarcados, conforme cálculos dos comerciantes, ficava em torno de 50%. Mas esses números não contabilizam outros animais mortos durante a captura, notadamente de filhotes. As armadilhas aleijavam muitos animais. Os que se livravam tinham drasticamente a sua vida abreviada nas selvas ou savanas africanas.

Em termos científicos e mesmo comerciais, os animais mortos ao longo da viagem marítima não eram necessariamente uma perda, pois muitos eram recuperados para estudos osteológicos, anatômicos, etc. No porto de Hamburgo, Heinrich Umlauff, um sobrinho de Hagenbeck, recuperava esqueletos, peles e animais inteiros. Com as técnicas de taxidermia, Umlauff vendia animais empalhados para coleções públicas e particulares.

No final do século XIX, as caçadas tinham já comprometido tanto a reprodução da fauna bravia em certas regiões da África que uma conferência internacional foi realizada em Londres, em 1900, para a preservação da vida selvagem no continente africano. Se alguns animais tinham a sua população reduzida ou mesmo dizimada pelas caçadas, outros ainda se encontravam ao abrigo das

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> BARATAY, E. Op. cit., p.129.

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> Idem, p.138-139.

armas de fogo e das armadilhas. Entre eles, os gorilas do interior da África oriental.

A penúltima subespécie de gorilas foi encontrada por soldados alemães em 1902 nas montanhas de Ruanda. Nesta ocasião, o oficial Robert von Beringe caçou dois gorilas e os enviou para o pesquisador Paul Matschie, do Museu de Zoologia de Berlim. Este último homenageou o oficial alemão denominando a nova subespécie de *Gorilla gorila beringei*. Matschie classificou ainda a última subespécie em 1914: *Gorilla gorilla graueri*. Dessa vez, o nome atribuído foi em homenagem ao explorador austríaco Rudolf Grauer que, numa de suas expedições pela África oriental, encontrou gorilas nas proximidades do lago Tanganyka.

Assim como os gorilas de Cross River e das florestas do Gabão, os gorilas das montanhas não eram desconhecidos aos grupos humanos que conviviam naquelas regiões. Por séculos e séculos, foi sendo construído saberes locais sobre esses animais. O gorila está presente em mitos e lendas de várias grupos linguísticos africanos. Porém, os caçadores e naturalistas europeus e norte-americanos aproveitaram apenas parcialmente os saberes locais sobre os gorilas. Boa parte desses saberes locais foram desautorizados pelo discurso científico daqueles que escreviam sobre os gorilas. A literatura também desautorizou esses saberes locais, obliterando, adulterando ou deslocando os mesmos para o campo do fantástico ou da superstição.

Escusado é lembrar que os saberes locais têm relações com os lugares. Conforme Cliford Geertz, "as formas do saber são sempre e inevitavelmente locais e inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros." Os saberes locais não têm por finalidade a sua comprovação científica. Sua validade é de outra ordem. Ela se opera socialmente nos lugares de onde provém os próprios saberes.

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> GEERTZ, Cliford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 100.

Em geral, os saberes locais se confundem com saberes tradicionais, populares ou autóctones, mas tal sinonímia serviu para desautorizar, marginalizar e subordinar esses saberes diante de um discurso científico pretensamente objetivo e verdadeiro.

Os saberes locais foram parcialmente úteis para alguns propósitos daqueles que estudavam os gorilas, que filtravam as informações orais e traduziam muitas delas numa linguagem científica e que, muitas vezes, as adulterava por completo. Para ficar num exemplo, algumas funções dos saberes locais para o controle social sobre mulheres e crianças foram completamente obliteradas pelo discurso científico que classificou como fantasiosa a crença no poder dos gorilas em raptar mulheres e crianças. Os dispositivos reguladores de ordem mítico-religiosa dos saberes locais em torno dos gorilas também foram ignorados pela ciência e pela literatura.

### Considerações finais

Durante o século XIX, as comparações entre o homem e o macaco foram cada vez mais racializadas. A descoberta científica do gorila dependeu de um acúmulo de informações que se deu por partes, sendo as primeiras pistas coligidas em relatos antigos e também de viajantes dos tempos modernos como Andrew Battel e James Barbot. A estas partes foram acrescidas outras pelo testemunho oral de nativos recolhido por missionários, comerciantes e caçadores forasteiros. Depois, um crânio, um osso, uma pele e alguns dentes foram compondo o puzzle. O conjunto de partes recolhidas aqui e acolá permitiu a publicação de um primeiro artigo científico em 1847. Mas os autores nunca tinha visto até então um gorila vivo.

A descoberta científica do gorila antecedeu o darwinismo. Ela permitiu relançar o debate sobre a origem e o parentesco dos primatas a partir da segunda metade do século XIX. A descoberta do gorila desencadeou uma enorme procura pelo animal. Partes do grande macaco eram enviadas para a Europa e para os Estados Unidos, mas foi preciso alguns anos depois de sua descoberta para que um gorila inteiro – e não em partes – pudesse ser exibido em cidades do hemisfério norte. Para isso, foi preciso recorrer à taxidermia e aos saberes locais. Para poder exibir um gorila vivo no hemisfério norte se passaram mais alguns anos desde a sua descoberta nas florestas do Gabão.

Outras informações foram ampliando o conhecimento sobre os gorilas e novas subespécies foram sendo classificadas pelo saber científico. Enquanto isso, ocorria a "Partilha da África". O gorila passou a ser uma figura omnipresente nas coleções de história natural e nos jardins zoológicos do Ocidente. Com a ajuda de caçadores africanos, alguns caçadores forasteiros lograram atender uma demanda "científica" que fez parte de um comércio de animais selvagens em expansão desde o final do século XIX. O gorila teve uma grande procura não apenas devido ao interesse científico, mas pelo que ele representava no imaginário ocidental.

Desde a descoberta do gorila até a década de 1930, houve uma abusiva licença ficcional por parte de escritores que recorreram direta ou indiretamente a fontes orais africanas. Já o meio científico desde cedo submeteu os saberes locais ao crivo de sua crítica. Isso não significa dizer que os cientistas tenham dispensado os préstimos dos africanos para obter seus exemplares de gorilas, etc.

De narrativas de histórias fantásticas de autores como Paul B. du Chaillu e Robert M. Ballantyne até o primeiro filme de King Kong (1933), o gorila se tornou uma figura emblemática do imaginário ocidental em relação à África selvagem. Se, por um lado, tal produção ficcional foi responsável pela imagem arquétipo do gorila, por outro, ela foi tributária de saberes locais africanos que, antes do conhecimento científico, já tinham o gorila por nosso semelhante.

### Fontes Impressas (Séculos Xviii E Xix):

BARBOSA DU BOCAGE, J. V. "Mammifères D'Angola et du Congo". *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*. Publicado sob os auspícios da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Segunda Série, Tomo I, 1890.

BURTON, Richard F. Two trips to Gorilla Land, London, Sampson Low & Co, 1876.

CHAILLU, Paul B. du. Voyage *Explorations and Adventures in Equatorial Africa*. J. Murray, London ,1861

Stories of the Gorilla Country. New York, Harpers & Brothers, 1871.

HOME, Henry. Sketches on the History of Man. Edinburgh, James Harris, 1734.

HUXLEY, Thomas H. *Evidence as to Man's Place in Nature*. London, Williams & Norgate, 1863.

LAWRENCE, William. Lectures on Physiology, Zoology and the Natural History of Man, London, J. Callow, 1819.

OWEN, Richard. "Examen de deux nègres pygmées de la tribu des Akkas, ramenés par Miani du fleuve Garbon". *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, V. 9, Nr.9, 1874, pp. 255-257.

PATTERSON, William. *Voyages in the land of the Hottentots and the Kaffirs*, London, Printed for J. Johnson, 1789.

QUATREFAGES, J. L. A. de. "Observations sur les races naines africaines, à propos des Akkas", *Bulletins de la Société d'anthropologie de Paris*, 1874, pp.500-506.

READE, William W. Savage Africa. New York: Harper & Brothers, 1864.

SPARRMAN, Anders E. A Voyage to the Cape of Good Hope, Towards the Antarctic Polar Circle and Round the World, London, G. G. J. and J. Robinson, 1775.

SAVAGE, T. S. and WYMAN, J. "Notice of the external characters and habits of *Troglodytes gorilla*, a new species of orang from the Gaboon River; Osteology of the same", in: *Boston Journal of Natural History* 5, 1847, p. 417–442.

SCHWEINFURTH, Georg. Im Herzen von Afrika. Leipzig, F.A. Brockhaus, 1874.

VOGT, Carl. Vorlesungen über den Menschen, seine Stellung in der Schöpfung und in der Geschichte der Erde. Giessen, J. Ricker'sche Buchnhandlung, 1863.

### Fontes manuscritas (século xix)

Correspondência estrangeira de José Vicente Barbosa du Bocage *in* Arquivo do Museu Nacional de História Natural (AMNHN/Lisboa)

Correspondência estrangeira de Louis Armand de Quatrefages in Archives de l'Académie des sciences (AAs/Paris)

Enviado em 20 de agosto de 2015

Aprovado em 30 de outubro de 2015